




OPINIÃO



Elmar Luiz Floss

O ótimo é inimigo do Bom

No início de 2005, quando faltavam menos de 7 meses para a primeira encenação da Batalha do Pulador, reuni diversos segmentos da sociedade de P. Fundo, Brigada Militar, teatrólogos, historiadores, imprensa e outras pessoas interessadas, no auditório da Biblioteca da UPF. Apresentei projeto em áudio, demonstrando a viabilidade da encenação. Enfatizei a grandiosidade do acontecimento, a maior batalha que se deu no país, aqui em Passo Fundo, uma das maiores da América do Sul. Discutimos à exaustão, a tendência era aprovar o projeto, com a ressalva, de que a execução seria para o próximo ano. Tese essa defendida pelo Professor Paulo Giongo, uma das pessoas mais capacitadas, na arte de representar, quer como artista, diretor e escritor. Sustentava ele que para organizar um espetáculo daquela grandeza, necessitaria um ano de antecedência. Só tínhamos o projeto, na versão que eu havia escrito. Debateu-se até perto da meia noite, mas pelo cansaço e determinação, conseguimos aprovar a encenação para aquele ano. Fomos a luta, um pouco daqui, ajuda do comércio dali, e uma pequena quantia da Prefeitura, no dia 07 de agosto, levamos em cena a primeira edição, que neste ano, provavelmente, vai para a 7ª, sendo o maior espetáculo bélico, a céu aberto representado no Brasil, com mais de 600 atores. No ano que passou, por uma iniciativa do nosso companheiro, Aírto Timm, com a benesse dos comandantes dos Cavaleiros do Mercosul, Davis Souza e Varlei Catto, conseguimos aprovação da Lei de Rouanet (incentivo fiscal). Só que não foi possível a captação de recursos junto às empresas, nem conseguimos liberar a verba da Prefeitura, mas com a promessa para esse ano, como também das Farmácias São João e o apoio da RBS, transferimos a encenação para o próximo mês de agosto. Agora temos na imprensa, causando surpresa para todos, o cancelamento da nossa Jornada de Literatura, um dos maiores encontros culturais das letras, escritores e estudantes, do Brasil. A Jornada de Literatura, em razão de seu sucesso, com participação de consagrados escritores nacionais e estrangeiros, iniciativa dos professores da UPF, liderados por Tânia Rösing, e com auxílio da nossa Prefeitura e UPF, nossa cidade e foi reconhecida por lei, como a Capital Nacional da Literatura. E agora por razões, provavelmente, de captação de recursos e auxílio das esferas governamentais (estadual e federal), levou a constrangedora situação de cancelar o evento. Sendo seu nobre objetivo de estimular a cultura, o aprendizado, despertando milhares de jovens ao caminho do saber e da literatura. Enquanto falta verba para tais empreendimentos sobra dinheiro, para o porto de Cuba, para a Venezuela e outros países que não só assassinam a democracia, como encarceram e fuzilam cidadão de bem, opositores das ditaduras. Além de embolsar os milhões do "mensalão" e os bilhões do "petrolão", desviando recursos da educação, segurança e saúde. Para o crime e os partidos da base, existem verba em abundância. Nessa hora é que sentimos a falta de representantes, em nossas casas legislativas. Para a mordomia (shopping na Câmara), e compra de deputados existem recursos. O importante seria que não houvesse o cancelamento da Jornada, mas diante dessa realidade, poderia haver uma mobilização regional de todos os segmentos, arrecadando fundos. Quem sabe um evento mais modesto, com a participação de escritores locais e regionais, para que não houvesse essa lacuna, num retrocesso lamentável. É dolorido, não só para os organizadores e para quem deu vida a essa criança, que se tornou adulta, com 34 anos de pleno sucesso e repercussão em todo o país e exterior, entristecendo-nos. Um evento menor, a fim de demarcar território e dar satisfação as expectativas de tantos estudantes, crianças e intelectuais que sonham com a Jornada. A Academia Passofundense de Letras poderia contribuir, com idéias e arregimentação de seus acadêmicos. Opiniões são a mercadoria mais barata da face da



Jabs Paim Bandeira*

terra, de qualquer modo, deixo aqui a minha! Não esquecendo, o "Amor fati, amar o nosso destino, amar aquilo que temos" - Nietzsche!

*

 Advogado
 www.jabspaimbandeira.blogspot.com

Ajuste fiscal somente para brasileiros

A crise econômica/financeira pública no Brasil não iniciou em 2015. Ela foi negada, pois havia uma eleição presidencial em 2014. Desde 2013 havia um só indicador econômico brasileiro com tendência positiva. Esse ajuste fiscal hoje proposto como essencial, deveria ter sido implantado no final do governo Lula. Mas, o então presidente, irresponsavelmente, declarou que a crise internacional era uma "marolinha". O mais importante era manter-se no poder com a eleição de Dilma Rousseff. O que importa não é o Brasil ou o bem estar dos brasileiros e sim manter o poder, com todas as benesses, legais e as ilegais (escândalos de corrupção brotam a cada dia).

Assistencialismo, sem desenvolvimento

Desde a posse de Dilma Rousseff, a gestão foi desastrosa. O narcisismo começou nos primeiros dias de seu mandato quando exigiu ser chamada de "presidenta" e não presidente. Ampliou as benesses em bolsas sociais, em detrimento aos investimentos para girar positivamente a roda da economia e ampliar empregos, tirando as pessoas da miséria, mediante o ganho do "pão nosso de cada dia" através do suor. Festejou durante a campanha eleitoral que ampliou de 37 para 56 milhões de pessoas beneficiadas com bolsas sociais. Isso é festejar o aumento da população abaixo da linha de pobreza. Uma política visando ampliar o curral eleitoral e garantir a reeleição.

Crescimento do PIB pelo endividamento

Mesmo com a crise atingindo o Brasil, especialmente na indústria e de forma significativa no comércio internacional (balança comercial negativa), estimulou o consumo mediante redução de impostos e aumento de prazos de pagamento. Uma política equivocada objetivando manter o PIB positivo mediante o endividamento do povo. Hoje multiplicam-se leilões pelo Brasil a fora de automóveis (somente em Passo Fundo são mais de mil), motos e outros bens, confiscados pelos bancos devido à inadimplência. Outro exemplo, a injustificada redução no preço da energia elétrica num ano eleitoral. Agora todos pagam por esse prejuízo, com juros e correção monetária.

Programas sem cumprimento

Vários foram os programas criados ao longo dos últimos anos, de forma pomposa, tentando mostrar uma agenda positiva e manter a popularidade, através da mídia, cujos contratos publicitários bateram recordes. Quanto da meta do "Minha casa, minha vida" foi cumprido? E, a qualidade da construção? Onde está a ampliação e a modernização efetiva dos 400 aeroportos, incluído o de Passo Fundo? E, os portos? E, a duplicação das rodovias? O Ciência Sem fronteira não atingiu a metade da meta inicial de colocar 150 mil estudantes no exterior. Agora, muitos estudantes estão no exterior passando dificuldades, pois o pagamento das bolsas é realizado com atraso. Um FIES que colocou milhares de "semi analfabetos" em cursos superiores, cujo custo é sustentado pelos contribuintes. As Universidades e instituições isoladas, foram estimuladas (ou pressionadas?) a abrir vagas em cursos deficitários, cujos alunos teriam FIES. Agora o governo não repassa os recursos contratados. O exemplo é a crise financeira gerada na UPF (a dívida do governo federal vai atingir 37 milhões em junho). E, 57% dos investimentos em infraestrutura do BNDES, nos últimos 4 anos, foi realizado no exterior.

Mas, o número de Ministérios e o número de cargos de confiança foi ampliado pela presidente. O governo continua sua ganância e manda a conta para o contribuinte. Tudo para o "Politburo" e cada vez menos devolução de serviços de educação, saúde, segurança, infraestrutura para o povo.

 Engenheiro-agrônomo, licenciado em
 Ciências e doutor em Agronomia

✉ elmar@grupofloss.com